Antes de Abrir a Próxima Garrafa

Ela não quer fazer parte da história que ele planejou cuidadosamente



Laura Bellini

Antes de Abrir a Próxima Garrafa

Ela não quer fazer parte da história que ele planejou cuidadosamente

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384906224

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5

Capítulo 1 - Condições que Não Constavam no Contrato 12

Capítulo 2 - Aquilo que Não Entra no Cronograma 23

Capítulo 3 - O Que Não Pode Ser Planejado 35

Capítulo 4 - Fora do Enquadramento 46

Capítulo 5 - O Direito de Ter uma Noite Só Sua 60

Capítulo 6 - Um Sabor Impossível de Confundir 72

Capítulo 7 - Entre o Que Se Vê e o Que Realmente Existe 85

Capítulo 8 - Além dos Limites da Vinícola 100

Capítulo 9 - Quando o Planejamento Deixa de Ser Suficiente 114

Capítulo 10 - Antes de Abrirmos a Próxima Garrafa 125

Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Promessas 141

Capítulo 12 - A Assinatura da Família 152

Capítulo 13 - O Preço de uma História Bonita 163

Capítulo 14 - Aquilo que Permanece Entre Nós 176

Capítulo 15 - Tudo o Que Ele Não Contou 187

Capítulo 16 - O Limite Que Não Pode Ser Ultrapassado 200

Capítulo 17 - Cada Um Precisa Escolher Seu Próprio Lado 210

Capítulo 18 - O Primeiro Preço da Verdade 220

Capítulo 19 - A Verdade Tem Seu Preço 232

Capítulo 20 - Antes de Abrir a Próxima Garrafa 242

INTRO

A primeira coisa que notei na vinícola Rataj foi o cheiro de uvas esmagadas. Doce, intenso, misturado à umidade da terra e ao frescor da noite que se aproximava. A segunda foram as caixas dispostas em fileiras perfeitamente alinhadas diante do edifício principal. A terceira foi um homem que acabara de mudar uma delas de lugar, embora estivesse exatamente onde deveria estar.

Estacionei o carro junto ao portão de madeira e olhei para o relógio. Tinha quarenta minutos. Tempo suficiente para tirar algumas fotografias, reunir material para minhas anotações e voltar à pousada antes de escurecer. O trabalho de verdade começaria no dia seguinte. Naquela tarde, eu queria apenas conhecer o lugar, observar a luz e as pessoas. Sem cronogramas, sem declarações oficiais, sem sorrisos sob encomenda.

Havia alguns meses eu trabalhava na ideia de um livro de culinária que não seria apenas mais uma coleção de receitas de pratos impressionantes, preparados com ingredientes que ninguém conseguia encontrar em um supermercado comum. Queria contar histórias sobre a comida ligada a um lugar, a uma estação do ano e às pessoas que realmente sabiam de onde vinha aquilo que chegava à mesa. A editora ainda não havia me prometido um contrato. Eu, porém, recebera a oportunidade de apresentar um trecho do projeto e não pretendia desperdiçá-la.

Uma vinícola na Baixa Silésia parecia o cenário perfeito. As uvas estavam amadurecendo, as pessoas trabalhavam desde o amanhecer e a temporada terminaria com um jantar que os organizadores queriam transformar em algo muito

maior do que um simples agradecimento aos funcionários. Minha tarefa era documentar a colheita e ajudar a construir a narrativa de um lugar que vinha consolidando sua posição no mercado local havia anos. O trabalho era bem remunerado, e o material produzido poderia se tornar parte do meu futuro livro.

Desde que eu não permitisse que alguém escrevesse aquela história por mim.

Peguei a câmera, coloquei a alça em volta do pescoço e segui em direção às fileiras de videiras. O sol já estava baixo, dando às folhas um tom quente, quase acobreado. Fotografei algumas mãos colhendo os frutos, as velhas caixas de madeira e as marcas de terra nos sapatos de um dos trabalhadores. Não me interessavam imagens perfeitamente limpas. Eu preferia as imperfeições, porque eram justamente elas que faziam aquele lugar parecer verdadeiro.

No fim de uma das alamedas, avistei dois homens. Conversavam em voz baixa, mas suas posturas diziam mais do que as palavras. O mais velho segurava uma folha de papel, enquanto o mais jovem apontava para um trecho da encosta. Não parecia uma conversa comum sobre o cronograma da colheita. Quando me aproximei, o homem mais velho guardou o documento no bolso, e o mais jovem se virou e foi embora sem se despedir.

Fotografei a alameda vazia antes que alguém entrasse no enquadramento.

— É melhor não fotografar este lugar hoje.

A voz veio de trás de mim. Virei-me.

O homem que eu havia visto perto das caixas estava a poucos passos de distância. Tinha cerca de quarenta anos,

cabelos escuros com alguns fios prateados nas têmporas e uma camisa com as mangas dobradas até os cotovelos. Não parecia alguém que tivesse passado a tarde posando para materiais promocionais. Havia uma mancha de suco escuro de uva em seu antebraço e um pequeno arranhão na mão.

— Por quê? — perguntei.

— Porque não há nada ali que valha a pena mostrar.

Olhei para a alameda e depois para ele.

— Curioso. Há pouco, tive a impressão de que era justamente ali que havia mais coisas para ver.

Por um instante, ele me observou sem sorrir. Não estava acostumado a ouvir alguém responder a uma pergunta com outra pergunta. Ou simplesmente não tinha vontade de conversar.

— A senhora trabalha para alguma revista?

— Não. Estou trabalhando em um projeto sobre gastronomia.

— Então é imprensa, de qualquer maneira.

— Não exatamente. Escrevo livros.

— Sobre vinhos?

— Sobre comida. O vinho às vezes faz parte dela.

Um dos cantos de sua boca se ergueu discretamente.

— Acho que é a primeira vez que alguém me diz, com tanta diplomacia, que não está interessado no que eu faço.

— Não disse que não estou interessada. Disse apenas que nem tudo precisa girar em torno do vinho.

Dessa vez, ele sorriu de verdade, embora por pouco tempo.

Apresentou-se como Wiesław Rataj. Era o proprietário da vinícola. Disse isso tranquilamente, sem orgulho exagerado, mas também sem falsa modéstia. Seu olhar passou pela câmera e depois pelo caderno que aparecia na minha bolsa.

— Se quiser produzir um bom material, deveria conversar comigo antes de publicar as fotografias.

— Posso conversar com qualquer pessoa que tenha algo interessante a dizer. Mas não prometo que todas as declarações aparecerão no texto.

— Entendo que gosta de ter a última palavra.

— Gosto de ter a minha própria palavra.

Ele aceitou a resposta sem fazer comentários. Percebi que não tentou se defender nem me convencer de que eu deveria enxergar a situação de outra maneira. Em vez disso, levantou a caixa que estava mudando de lugar antes e a levou para debaixo de uma cobertura. Fez isso sem chamar ninguém para ajudá-lo, embora houvesse dois funcionários trabalhando ali perto.

Havia algo nele que não combinava inteiramente com a primeira impressão. Parecia um homem acostumado a tomar decisões, mas não alguém que acreditasse que os outros deveriam atender a todos os seus pedidos. Quando um dos funcionários o chamou do outro lado do pátio, Wiesław interrompeu imediatamente a conversa e foi até ele. Escutou com atenção, sem interromper. Só depois respondeu, indicando outro local para armazenar as caixas.

Voltei à câmera. Durante alguns minutos, fotografei a colheita, mas meus pensamentos continuavam voltando àquela alameda e ao documento que o homem mais velho havia guardado tão depressa. Não pretendia tirar conclusões precipitadas. Não conhecia os problemas deles, não sabia o

que havia acontecido antes nem por que aquela conversa terminara daquela maneira. Mesmo assim, anotei uma observação breve no caderno: Vinícola familiar. Nem tudo aqui parece tão tranquilo quanto o cenário sugere.

Quando voltei ao pátio, Wiesław estava falando ao telefone. Permanecia junto à porta aberta do edifício, apoiando uma das mãos no batente. Não falava alto, mas bastou que eu me aproximasse alguns metros para ouvir um trecho da conversa.

— Agora não. Amanhã teremos convidados. Não vamos discutir isso novamente na frente de todo mundo.

Ele ficou em silêncio, escutando a resposta.

— É exatamente por isso que precisamos manter a calma.

Encerrou a ligação e guardou o telefone no bolso. Quando percebeu minha presença, seu rosto recuperou a expressão anterior. Como se, poucos instantes antes, não estivesse conversando com alguém com quem não conseguia chegar a um acordo.

— Encontrou o que estava procurando?

— Uma parte.

— E o restante?

— Depende de conseguir encontrá-lo sem a ajuda de alguém.

— A senhora não confia muito nas pessoas.

— Tenho experiência suficiente para saber que as pessoas costumam contar sobre si mesmas aquilo que querem que os outros recordem.

Ele me observou em silêncio por alguns segundos. Havia algo difícil de identificar em seu olhar. Talvez curiosidade. Talvez um aviso.

— E a senhora? — perguntou. — Está sempre procurando alguma coisa por trás das aparências?

— Só quando a superfície parece polida demais para ser verdadeira.

Dessa vez, ele não respondeu com um sorriso.

Despedimo-nos rapidamente. Disse que nos encontraríamos no dia seguinte, junto ao edifício principal, para discutir os detalhes da colaboração. Concordei com um movimento de cabeça, embora não tivesse gostado da maneira como aquilo soara mais como um fato já decidido do que como uma proposta.

A caminho do carro, examinei novamente as fotografias na tela da câmera. Em uma delas, Wiesław havia aparecido por acaso ao fundo. Não olhava para a lente. Estava de lado, com as mãos apoiadas em uma caixa, conversando com um funcionário. Parecia completamente diferente de quando me apresentara a vinícola. Menos formal, mais espontâneo.

Meu dedo parou sobre o botão de apagar, mas, no fim, decidi manter a fotografia.

Não queria escrever sobre um homem que conhecia havia apenas alguns minutos. Também não pretendia permitir que sua presença alterasse meus planos. Eu tinha meu próprio trabalho, meu próprio prazo e uma ideia que significava mais para mim do que mais uma colaboração bem remunerada.

Ainda assim, quando liguei o motor, olhei novamente na direção do edifício. Wiesław estava parado à porta, conversando com alguém que eu não conseguia ver. Não

acenou em despedida. Simplesmente observou enquanto eu me afastava.

Pensei que, no dia seguinte, precisaria deixar minha posição bem clara. Eu poderia documentar a colheita, ajudar a preparar o jantar e até escrever algo positivo sobre aquela vinícola. Mas não pretendia fingir que tudo era perfeito apenas porque alguém desejava apresentar aquela imagem.

Ainda não sabia se Wiesław Rataj seria capaz de aceitar uma história sobre a qual não tivesse controle absoluto. Mas sabia que seu olhar havia permanecido comigo por mais tempo do que deveria.

E, pela primeira vez em muito tempo, perguntei a mim mesma se era possível aproximar-se de alguém sem permitir que essa pessoa decidisse, ao mesmo tempo, quem seríamos dentro da história que ela havia escrito.

Capítulo 1 - Condições que Não Constavam no Contrato

Na manhã seguinte, cheguei ao edifício principal da vinícola dez minutos antes do horário combinado. Não porque estivesse particularmente preocupada em ser pontual com Wiesław Rataj. Simplesmente não gostava de começar uma colaboração em uma situação na qual alguém pudesse pensar que eu havia esperado por ele tempo demais. Tinha meu próprio planejamento para o dia, uma lista de fotografias e algumas ideias para o material que queria discutir antes que alguém começasse a me explicar como eu deveria fazer meu trabalho.

O edifício era pequeno, mas bem cuidado. Paredes claras, venezianas de madeira e um amplo terraço voltado para a vinícola. No interior, havia um escritório conectado a uma pequena sala de degustação. Uma das paredes estava coberta por fotografias que mostravam as diferentes etapas do desenvolvimento da propriedade. Na mais antiga, alguns homens apareciam diante de uma pequena área de videiras recém-plantadas. Nas seguintes, os vinhedos ocupavam espaços cada vez maiores, enquanto o edifício parecia ganhar uma aparência progressivamente mais moderna.

Parei diante de uma fotografia em que Wiesław estava ao lado de um homem mais velho. Os dois sorriam, embora o sorriso do proprietário da vinícola parecesse mais contido. A legenda dizia: "Uma tradição que une gerações".

— Gostou?

Virei a cabeça. Wiesław havia entrado na sala trazendo duas canecas de café.

— É interessante.

— Não é exatamente a mesma coisa que gostar.

— Não gosto de avaliar fotografias com base nas legendas.

Ele me entregou uma das canecas. O café tinha cheiro de grãos recém-moídos e não continha nenhum acompanhamento.

— Preto. Acertei?

— Não me lembro de ter dito como gosto do meu café.

— Ontem a senhora não pediu nada enquanto conversávamos. Pensei que o café preto seria uma escolha segura.

— E se eu tomar com leite?

— Temos uma geladeira na cozinha.

Olhei para ele por cima da caneca.

— O senhor sempre resolve os problemas com tanta facilidade?

— Apenas aqueles que têm soluções simples.

Sorri involuntariamente. Wiesław tirou uma pasta de couro de cima de uma cadeira e a colocou sobre a mesa. Já não parecia o homem que eu havia encontrado perto das caixas na noite anterior. Vestia uma camisa clara, calças escuras e um relógio com mostrador bastante simples. Mantinha as mangas dobradas, como se nem mesmo dentro do escritório pretendesse abandonar completamente o trabalho ao ar livre.

— Antes de começarmos — disse ele -, gostaria de definir exatamente o que a senhora pretende fazer.

— Pensei que fosse justamente por isso que estávamos nos encontrando.

— Ontem a senhora disse que estava escrevendo um livro. Gostaria de saber qual será o papel da nossa vinícola nele.

Peguei meu caderno.

— Não pretendo escrever um catálogo dos produtos de vocês. Meu interesse está no processo: da colheita até a mesa. Quero mostrar as pessoas, o trabalho delas, os ingredientes locais e a maneira como as refeições são preparadas durante a vindima. O vinho fará parte da história, mas não será o único protagonista.

— E a nossa família?

A pergunta veio rápida demais para que eu a considerasse casual.

— Se tiver algo a dizer sobre a propriedade, poderá aparecer no material. Mas não pretendo escrever uma crônica familiar.

Wiesław sentou-se à minha frente.

— Foi justamente por isso que a convidei para trabalhar conosco. Não quero outra publicação em que a vinícola se resuma a algumas garrafas e a uma fotografia do pôr do sol. Gostaria que as pessoas vissem quanto trabalho esta temporada exige.

— Isso, pelo menos, podemos fazer.

— Há uma condição.

Apoiei a caneta sobre a página.

— Estou ouvindo.

— Não quero que fotografe tudo sem autorização prévia. Alguns espaços são áreas de serviço da propriedade, não fazem parte da exposição destinada aos visitantes. Também gostaria de aprovar as fotografias em que os funcionários aparecem.

— Não tenho problema algum em pedir autorização às pessoas fotografadas. Isso faz parte do meu trabalho. Mas não vou concordar que o proprietário do estabelecimento aprove todo o material.

— Não falei sobre todo o material.

— Ainda não.

Por alguns instantes, ele permaneceu em silêncio. Não parecia ofendido, mas sim alguém que acabara de descobrir que aquela conversa seria mais difícil do que imaginava.

— Entendo que a independência seja importante para a senhora.

— A credibilidade é importante para mim. Isso vai um pouco além do orgulho profissional.

— Não pretendo ditar o que a senhora deve escrever.

— Ótimo. Nesse caso, não teremos problemas.

Wiesław abriu a pasta e retirou algumas folhas. Encontrei nelas o cronograma da vindima, uma lista das pessoas responsáveis pelas diferentes tarefas e um planejamento preliminar do jantar de encerramento da temporada. O documento havia sido preparado com cuidado. Cada horário tinha seu espaço, e ao lado dos nomes apareciam pequenas descrições das responsabilidades.

— O jantar será daqui a duas semanas — explicou. — Queremos convidar os funcionários, algumas pessoas da região e nossos parceiros habituais. Gostaria que não

parecesse um evento promocional. Mais como uma verdadeira celebração do encerramento da temporada.

— Quantas pessoas?

— Aproximadamente trinta.

— E o cardápio?

— Temos algumas sugestões. Gostaria que a senhora nos ajudasse a organizá-las. Não espero que cozinhe para nós. Quero contar a história dos produtos que utilizamos.

Ele empurrou outra folha na minha direção. Nela estavam anotados os nomes de fornecedores locais, tipos de queijos, vegetais e carnes. Algumas opções tinham observações manuscritas ao lado.

Comecei a ler. Quanto mais tempo passava examinando a lista, mais interessante me parecia a proposta. Não havia ingredientes extravagantes nem tentativas de imitar restaurantes de guias gastronômicos. Alguém realmente havia pensado no que poderia ser preparado com os produtos disponíveis na região.

— Quem elaborou o cardápio?

— Eu e a cozinheira responsável pelas refeições da equipe.

— Qual é o nome dela?

— Marta. Trabalha conosco há seis anos.

— Gostaria de conversar com ela.

— Claro.

— E conhecer a cozinha.

— Claro.

— Também gostaria de conversar com as pessoas que trabalham na colheita sem a sua presença.

Wiesław ergueu as sobrancelhas.

— Por que sem a minha presença?

— Porque as pessoas se comportam de maneira diferente quando o proprietário está ao lado. O senhor não precisa fazer absolutamente nada. Só o fato de saberem que pode ouvir a resposta já é suficiente.

Por um instante, tive a impressão de que ele estava prestes a protestar. Em vez disso, recostou-se na cadeira.

— A senhora tem uma ideia bastante definida de como esse trabalho deve ser feito.

— Tenho experiência.

— Percebe-se.

Não soou como um elogio feito por educação. Havia uma nota de reconhecimento em sua voz, e isso me agradou mais do que eu gostaria de admitir.

— Em contrapartida — continuei -, posso preparar a documentação da colheita, realizar pequenas entrevistas com os funcionários e produzir o material gastronômico relacionado ao jantar. O senhor receberá um conjunto de fotografias para utilizar na comunicação da vinícola, mediante uma licença separada. Não cedo meus direitos autorais.

— Não pretendia pedir isso.

— Prefiro deixar essas questões claras desde o início.

— Nesse caso, continue.

Durante os quinze minutos seguintes, discutimos os detalhes. Concordamos que eu não fotografaria documentos financeiros nem espaços privados. Os funcionários decidiriam por conta própria se gostariam de aparecer no

material. Cada pessoa poderia ler sua própria declaração antes da publicação, mas não teria o direito de modificar toda a história. Wiesław também aceitou que não aprovaria meus textos.

Restava uma questão que, desde o início, me parecia a mais importante.

— Gostaria de saber quem tomará as decisões sobre o jantar — falei.

— Sou responsável pela organização.

— E a cozinheira?

— Marta é responsável pela cozinha.

— Então, se ela sugerir uma mudança no cardápio, poderá implementá-la?

— Se houver justificativa, sim.

— E se o senhor não gostar?

Wiesław me observou com mais atenção.

— Nesse caso, conversaremos.

— Essa não é uma resposta.

— A senhora não precisa tratar cada divergência como uma negociação comercial.

— E o senhor não precisa tratar cada decisão como se fosse sua.

Durante alguns segundos, permanecemos nos olhando sem dizer nada. Por fim, Wiesław fechou a pasta.

— Muito bem. Marta terá a palavra final nas questões relacionadas à cozinha. Eu serei responsável pelo orçamento e pela organização. A senhora cuidará da documentação e do material.

— Agora podemos trabalhar.

Levantei-me, guardei o caderno e peguei a câmera. Wiesław também se levantou.

— Gostaria de lhe mostrar uma parte da propriedade.

— Posso ir sozinha.

— Eu sei. Mas há lugares em que será mais fácil explicar algumas coisas se eu estiver por perto.

Ele saiu primeiro, e eu fui atrás. Lá fora, o sol já havia aquecido as pedras do terraço. Ao longe, ouvíamos as vozes dos funcionários e o barulho das caixas sendo movimentadas. Wiesław caminhava tranquilamente, sem tentar impor seu ritmo. Parava diante de diferentes fileiras de videiras, apontava as variedades e explicava as diferenças nos períodos de colheita.

Eu escutava com atenção. Ele sabia muito mais do que seu jeito econômico de falar deixava transparecer. Conseguia identificar as plantas que exigiam cuidados especiais, lembrava os nomes das pessoas responsáveis por cada parte do cultivo e percebia até pequenas alterações nas condições das frutas. Não falava sobre o vinho com a linguagem dos folhetos publicitários. Falava sobre o clima, o solo, o trabalho e as decisões que às vezes precisavam ser tomadas muito antes de seus resultados se tornarem visíveis.

— O senhor não parece ser alguém que gosta de delegar tarefas — observei.

— E a senhora não parece gostar quando alguém fica vigiando cada movimento seu.

— Então os dois temos um problema.

— Talvez.

Ele parou perto das caixas que continham os cachos recém-colhidos. Pegou um deles, examinou-o e o colocou de lado.

— Este vai separado.

— Por quê?

— Alguns cachos estão danificados. Não quero que sejam misturados ao mesmo lote.

Fotografei sua mão e a caixa. Dessa vez, ele não protestou.

— Posso? — perguntei, apontando para a câmera.

— A senhora já fotografou.

— Estou perguntando se posso guardar a imagem.

— Se a fotografia estiver boa.

— Não será o senhor quem vai decidir isso.

Ele me olhou com uma expressão divertida.

— Estou começando a entender que esta será uma colaboração longa.

— Duas semanas. Não se acostume.

Quando voltamos ao pátio, uma mulher se aproximou de nós. Usava um avental escuro, tinha cabelos curtos, passos enérgicos e a expressão de alguém que não pretendia perder tempo com formalidades desnecessárias.

— Wiesiek, preciso de uma decisão sobre as mesas.

— O que aconteceu?

— As que estão no depósito não cabem na sala. E, se colocarmos tudo no terraço, teremos que mudar toda a organização da cozinha.

— Podemos juntar as mesas da sala com aquelas do depósito.

— Podemos, mas as pessoas vão ficar sentadas como passageiros de um trem.

Wiesław olhou para mim.

— Esta é Marta. Cuida da nossa cozinha e da organização das refeições.

— Noemi Górska — apresentei-me. — Vamos trabalhar juntas no jantar.

Marta me examinou com uma curiosidade evidente.

— Então é a senhora que vai fazer perguntas sobre comida?

— Essa é a intenção.

— Ótimo. Porque tenho algumas coisas para dizer.

— Nesse caso, terei prazer em ouvir.

Marta se virou para Wiesław.

— Está vendo? É possível conversar com as pessoas sem precisar decidir tudo por elas.

Ele não comentou. Eu, por outro lado, registrei mentalmente que aquela mulher aparentemente não era do tipo que aceitava suas decisões incondicionalmente.

— Vou lhe mostrar a cozinha — propôs Marta. — Mas já aviso que hoje temos mais trabalho do que espaço.

— São justamente esses lugares que mais me interessam.

Wiesław olhou para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas, no fim, apenas assentiu.

— Então vou deixar vocês em boas mãos.

Observei enquanto ele caminhava na direção do edifício de serviço. Só quando desapareceu atrás da esquina Marta se inclinou um pouco na minha direção.

— Não acredite em tudo o que ele diz como se fosse a versão definitiva dos acontecimentos.

— Não pretendo fazer isso.

— Ótimo. Porque Wiesiek às vezes quer muito que tudo pareça exatamente como deveria ser.

Não tive tempo de perguntar o que ela queria dizer. Marta abriu a porta da cozinha e me convidou a entrar. E, pela primeira vez, pensei que a parte mais interessante daquele trabalho talvez nem estivesse na vinícola.

Capítulo 2 - Aquilo que Não Entra no Cronograma

A cozinha era muito maior do que a aparência do edifício fazia imaginar. Tinha duas amplas bancadas de trabalho, um fogão antigo, uma geladeira moderna e prateleiras cheias de potes de conservas. No parapeito da janela havia vasos de ervas aromáticas e, junto à parede, uma mesa de madeira sobre a qual alguém havia deixado uma cesta de maçãs e uma tigela de ameixas.

Marta não começou me apresentando os equipamentos. Primeiro mostrou a geladeira, depois a despensa e uma pequena sala onde eram armazenados os produtos destinados às refeições dos funcionários. Só depois de ter certeza de que eu sabia onde cada coisa ficava, entregou-me um avental.

— Não precisa cortar nada — disse ela. — A menos que esteja com vontade.

— Prefiro conversar primeiro sobre a comida.

— Então sente-se. Café?

— Já tomei.

— Ainda bem. Aqui o café é mais uma ferramenta de trabalho do que um prazer.

Sentei-me à mesa de madeira e abri meu caderno. Marta tirou de uma gaveta algumas folhas com sugestões de pratos. Não eram receitas profissionais, mas sim combinações preliminares de ingredientes e observações sobre sua disponibilidade.

— O jantar precisa ser elegante, mas sem exageros — explicou. — Wiesław quer que os convidados vejam que sabemos preparar algo especial. Eu quero que as pessoas consigam comer normalmente, em vez de passarem três horas olhando para o prato.

— Entendo.

— E não quero porções minúsculas que precisem de cinco minutos de explicação.

Comecei a rir.

— Nesse caso, acho que vamos nos entender muito bem.

Começamos pelas entradas. Marta sugeriu beterrabas assadas com queijo de cabra, torradas com pasta de pimentão assado e pequenas porções de patê preparado segundo uma receita de sua mãe. Também haveria queijos locais e pão de fermentação natural. Para o prato principal, planejava servir carne assada com legumes de raiz e, para quem não comesse carne, risoto de cogumelos.

— E a sobremesa? — perguntei.

— Torta de maçã. Não daquelas que precisam ser fotografadas de três ângulos para parecerem maiores. Uma torta de maçã normal, bem feita.

— Finalmente alguém fala a minha língua.

Marta abriu um sorriso largo.

Conversamos por mais alguns minutos. Ela me contou sobre os fornecedores, sobre como o cardápio mudava de acordo com a estação e sobre o fato de que a maioria dos funcionários preferia um almoço simples, servido na hora certa, a um prato sofisticado que chegasse uma hora depois. Anotei alguns nomes e pedi autorização para fotografá-la durante o preparo das refeições.

— Se não atrapalhar meu trabalho, tudo bem — concordou. — Mas tenho uma condição.

— Qual?

— Não me transforme numa mulher que passou a vida inteira na cozinha porque gosta de fazer os outros felizes. Eu simplesmente cozinho bem e não tenho a menor intenção de esconder isso.

— Combinado.

Quando terminamos, Marta me acompanhou até a saída. No corredor, passei por Wiesław, que conversava com um dos funcionários. Ele não interrompeu a conversa, mas, ao me ver, apontou para uma porta lateral.

— Se tiver um momento, gostaria de lhe mostrar uma coisa.

— Depende do que seja.

— Um lugar onde podemos conversar tranquilamente sobre os detalhes do jantar. Imagino que a cozinha não estivesse muito silenciosa.

— Estava silenciosa o suficiente para ouvir tudo o que Marta dizia.

— Nesse caso, a senhora está em vantagem.

— Não vejo as coisas dessa maneira.

Ele me conduziu até uma pequena sala no fim do corredor. Havia uma mesa, algumas cadeiras e uma estante com documentos. Na parede estava pendurado um mapa da vinícola, no qual as diferentes parcelas estavam identificadas. Wiesław fechou a porta, mas não girou a chave. Deixou-a entreaberta alguns centímetros, como se não quisesse se desligar completamente dos sons da propriedade.

— Podemos trabalhar aqui — disse. — Não precisamos ocupar a sala de degustação todas as vezes.

— Uma solução prática.

Ele colocou sobre a mesa o planejamento do jantar. Dessa vez, não era um cronograma pronto, mas uma tabela vazia com espaços para nomes, horários e observações.

— Gostaria que definíssemos exatamente o que vamos preparar nas próximas duas semanas.

— Eu também.

Sentei-me diante dele e tirei meu caderno da bolsa. Durante algum tempo, discutimos a sequência das atividades. Combinamos que, no primeiro dia, eu me concentraria na colheita e nas conversas com os funcionários. No dia seguinte, documentaria os preparativos na cozinha. Nos dias seguintes, poderia voltar aos lugares escolhidos sempre que precisasse de mais material. O jantar seria planejado em conjunto, mas Marta continuaria responsável pela preparação dos pratos.

— Também gostaria que fizéssemos algumas fotografias da família — disse Wiesław.

Não levantei os olhos imediatamente.

— De quem exatamente o senhor está falando?

— Da minha família. Meus pais, minha irmã, talvez os filhos dela, se quiserem vir.

— Todos já sabem dessa ideia?

— Ainda não conversei com cada um.

— Nesse caso, não podemos colocar isso no cronograma como um compromisso confirmado.

— Por quê?